

INDISCIPLINA EM SALA-DE-AULA: UMA DISCUSSÃO SOBRE O CONCEITO E SUAS IMPLICAÇÕES

INDISCIPLINE IN CLASSROOM: A DISCUSSION OVER THE CONCEPT AND ITS APPLICATIONS

*Fernanda Martins Melo**

*Vânia Maria Ferreira**

*Patrícia Casaroli**

*João Juliani***

RESUMO:

O uso do boné em uma sala de aula é uma questão de indisciplina? Ser disciplinado ou indisciplinado depende das regras, pois em uma classe em que o aluno não pode usar o boné, se ele usar, será avaliado como indisciplinado. A disciplina e a indisciplina dependem das normas explícitas e implícitas vigentes nas situações. A indisciplina pode acontecer devido à revolta contra as regras, ou mesmo, pelo fato de o aluno desconhecê-las. No presente trabalho, serão consideradas as definições de disciplina e indisciplina, assim como sugestões de diversos autores para lidar com este tema na área da Educação.

PALAVRAS-CHAVE: Disciplina; Indisciplina; Sala-de-Aula.

ABSTRACT:

Using a cap in a classroom is an indiscipline question? Being disciplined or undisciplined depends on the rules, therefore, in a classroom where the pupils may are not allowed to use a cap, if he uses it, he will be evaluated as undisciplined. Discipline and indiscipline depend on the explicit and implicit standing rules on such situation. Indiscipline may occur due to rising against the standing rules, or even by the fact that the student is unaware of them. In this work, the definitions to be considered are indiscipline and discipline, as well as suggestions from several authors, on how to wok with this theme in Education area.

KEY WORDS: Discipline; Indiscipline; Classroom.

Um aluno que usa boné em sala-de-aula pode ser considerado indisciplinado? Em uma sala da 2ª série do Ensino Fundamental um estudante estava com um boné que ele tinha ganhado como presente de aniversário no dia anterior. Então, a professora se vira e diz:

__ “Retire o boné, pois você está infringindo as regras da sala-de-aula”.

O aluno sorri e faz uma pergunta à professora:

__ “Professora, o meu boné está atrapalhando a sua aula”?

E ela insiste:

__ “Retire o boné”!

*Discentes do 4º. Ano do Curso de Psicologia.

**Doutor em Psicologia (Psicologia Experimental) pela Universidade de São Paulo – USP(1999). Professor Titular do Centro Universitário Filadélfia – UniFil, de Londrina-PR e Psicólogo do ASSOCIAÇÃO DE PAIS E AMIGOS DO DEFICIENTE AUDITIVO DE LONDRINA

O comportamento deste aluno pode ser considerado como um exemplo de indisciplina? O que é indisciplina? A indisciplina é um conceito complexo, polêmico e que tem diferentes implicações para a educação. Este conceito pode ser melhor entendido quando analisado juntamente com o conceito do termo oposto: disciplina.

O que é disciplina? Ela pode ser considerada como um aspecto importante no desenvolvimento do indivíduo? “A disciplina é o fazer o que posso, o que devo e o que preciso fazer.” (FREIRE, 1989, p.12). Ainda nesta direção MANACORDA diz:

(...) é um hábito interno que facilita a cada pessoa o cumprimento de suas obrigações, é um autodomínio, é a capacidade de utilizar a liberdade pessoal, isto é, a possibilidade de atuar livremente superando os condicionamentos internos ou externos que se apresentam na vida cotidiana (1995, p.26).

Uma outra maneira de conceituar o termo consiste em tomá-la como uma forma de controle do comportamento das pessoas. Neste sentido KHOURI afirma que disciplina é:

(...) uma forma de dominação e de exercício de poder nos espaços sociais menores, cuja organização não é garantida, no seu cotidiano, pelas leis maiores. Ela permite, portanto, nestes locais, o controle do corpo e da alma, isto é, do comportamento integral dos que neles se encontram e lhes impõem uma relação de docilidade e utilidade. Essa situação domesticada tem suas origens no funcionamento das prisões e dos quartéis (1989, p.41).

Pensamento equivalente pode ser encontrado em ABUD e ROMEU:

O conceito de disciplina está intimamente associado aos condicionamentos sócio-culturais, assumindo, portanto, significados diversos em momentos diferentes para pessoas diferentes (1989, p.80).

O exemplo citado no início deste texto parece que se coloca nesta direção. O uso do poder pelo aluno rompe com a obediência passiva e coloca o professor na ingrata posição de fazer cumprir as normas estabelecidas. AQUINO também aborda esta questão ao dizer que:

Quando se busca entender por disciplina os comportamentos regidos por um conjunto de normas, a indisciplina poderá se traduzir de outras formas, tais como a revolta contra estas normas ou seu desconhecimento (1996, p.09).

O aluno que usa seu boné em aula pode simplesmente, como diz Aquino, desconhecer a norma. Porém, se ele sabe que não se pode fazer aquilo naquela situação, o uso será configurado como uma afronta à autoridade e, dessa forma, um ato de indisciplina.

Pode-se afirmar que uma classe disciplinada é toda aquela que ofereça ao professor oportunidades adequadas para o desenvolvimento de seu processo de ajuda na construção do conhecimento e desenvolvimento de habilidades e atitudes socialmente aceitas por partes dos alunos (MAKARENKO, 1981, p.23).

Se a indisciplina acontece devido à revolta contra as normas, ela transforma-se em uma forma de desobediência insolente. Procurando explicar este fenômeno, AQUINO coloca alguns motivos que podem levar os alunos a cometer atos tidos como indisciplinados.

A falta de interesse está muito grande. Os alunos estão dispersos, não respeitam mais o professor, estão vivendo em outro mundo. A tecnologia avançou demais e o professor infelizmente não acompanhou, ficou desinteressante para eles. Eles estão acostumados apertar botão ou tecla de 'videogame', de computador, a ver televisão e aí aparece o professor com apagador e giz. O professor não está conseguindo ter domínio, as aulas estão muito no passado, muito antigas. Os meios de comunicação, ao invés de ajudar estão atrapalhando: programas muito violentos. Não está existindo liberdade com responsabilidade (1996, p.9).

Segundo AQUINO (1996) as crianças de hoje são mais espertas do que as de antigamente. Embora este autor mencione a falta de tecnologia em sala-de-aula como um fator que pode levar à indisciplina, não se deve esquecer que em todos os tempos surgiram professores que conduziam suas aulas sem necessidade de grandes recursos tecnológicos, pelo fato de reunir capacidade e habilidade didática. Ao lado destes docentes, houve e haverá sempre os que parecem incapazes de se impor e, por isso, as suas aulas rapidamente se transformam em desordens sem fim.

É indiscutivelmente desejável que em um ambiente de ensino haja silêncio por parte dos alunos. Objetiva-se este comportamento, desde que os alunos não se portem como se fossem “mudos”, não se pronunciando quando necessário para a discussão de um trabalho, de um tema, ou assuntos da sociedade em que vivem. Dessa forma, a discussão da matéria não é necessariamente um ato de “indisciplina”. ABUD e ROMEU ilustram este tema com a seguinte afirmação.

O que é a escola? Um ambiente silencioso, sem nenhum vestígio de comportamento infantil, ou um ambiente social vibrante, que comunica alegria e predispõe para a concentração de todo o esforço no ato de aprender? Pensamos não ser ideal alunos encaminharem-se para a sala-de-aula perfilados, sentarem-se simultaneamente e dirigirem o olhar na mesma direção, como se fossem robôs ou, intencionalmente, robotizados (1989, p.84).

A disciplina é importante quando existe um alvo a ser perseguido. O boné, para muitos adolescentes, faz parte do seu traje. É uma peça tão importante como a camiseta, as calças; enfim, sem o boné o aluno pode se sentir mais feio, pode se sentir despido. É isto que se objetiva com a educação. Nesta direção, SCHIMIDT (1989, p.37) afirma que “(...) a disciplina só é eficaz quando se tem uma meta a atingir”.

O problema da indisciplina é apenas a ponta de um *iceberg*, onde se esconde um leque de variáveis relacionadas à educação que afetam a formação dos alunos e culminam na organização de uma sociedade que privilegia poucas e subjuga muitas pessoas. É necessário garantir a cidadania a todos, inclusive às crianças. Para Rosemberg, “...é preciso saber ouvir e compreender a mensagem que se esconde por trás do comportamento manifesto como indisciplina” (*apud* Vasconcellos, 1994, p. 50).

Deve-se levar em conta, também, o fato de que em uma sala-de-aula quando as crianças e adolescentes são colocados juntos, sentando-se lado a lado por muitas horas seguidas, são geradas “conversas paralelas”. É como se fosse o momento adequado para discutirem os fatos ocorridos em outros instantes, fora do ambiente escolar. Desta forma surge a “indisciplina”.

Não faz sentido, no entanto, iniciar uma discussão que se propõe a ser participativa, com os alunos sentados em fila, ou de costas uns para os outros. Se os professores pensarem como isso estimula a indisciplina, pois leva os jovens a virarem para trás ou dar recados às escondidas, certamente pensariam, duas vezes, se não seria melhor dispor as mesas em U. Um bom arranjo espacial permite também que o professor olhe diretamente para os alunos (ABRANTES, 1994, p.22).

Basta uma inspeção casual para constatar que devem ser feitas mudanças radicais na estrutura da escola para possibilitar ao aluno um comportamento respeitoso. O currículo, as técnicas de ensino, a avaliação, entre outros aspectos, precisam ser revistos.

Classificar o que o aluno faz como ato indisciplinado não ajuda em nada. É necessário entender o que ele faz e porque o faz. Ajustar as “lupas” do ensino para detectar os pontos que determinam as ações, os pensamentos e as emoções dos alunos. Compreendê-lo melhor, para melhorar a qualidade do ensino nas escolas.

Ao se condenar um ato de indisciplina deve-se, antes, cuidar de examinar as razões de ser das normas impostas e dos comportamentos esperados (e sem, também, termos pensado na idade dos alunos: não se pode exigir as mesmas condutas e compreensão entre crianças de oito anos e adolescentes de 13 a 14 anos) (GIROUX, 1996, p.08).

84

Compreender os estudantes que apresentam “atos de indisciplina” é fundamental, mas não basta; é necessário uma educação voltada para a formação integral do aluno. Quando se tem como meta a transformação da sociedade, é preciso entender todos os alunos, compreender também aqueles que podem ser classificados como disciplinados, mas que não se beneficiam, integralmente, da escola. Nesta direção BRUNET escreve:

Quando ocorrem casos de indisciplina, o professor deverá ganhar algum tempo ouvindo as sugestões dos alunos. Em certas aulas, como no ensino do Português ou das línguas estrangeiras, é possível organizar textos sobre o assunto que incitarão o debate, promovendo a seguir, novas composições sobre o tema. Será do maior interesse se o professor conseguir organizar um texto-síntese sobre o que foi apurado, de modo que todos se sintam mais vinculados às decisões tomadas (1992, p.53).

A indisciplina, freqüentemente, é definida como qualquer ato ou omissão que contraria alguns princípios do regulamento interno ou regras básicas estabelecidas pela escola ou pelo professor. De acordo com esta definição, ser ou não indisciplinado depende de tais regras. Por outro lado, a indisciplina pode ser uma resposta à autoridade do professor, levando o aluno a contestar, porque ele não está de acordo com as exigências, com os valores que se pretende impor, com os critérios de avaliação, métodos de ensino, etc. Retomando o exemplo com o qual este texto foi iniciado, o aluno poderia ser considerado indisciplinado porque usou o boné, infringindo as regras da escola. E continuaria sendo se não o retirasse.

A discussão desse conceito exige um olhar mais amplo na área da Educação. É necessário que se avalie o contexto em que o aluno está inserido, levando-se em consideração os valores e princípios que a educação busca ensinar. Necessitando que eles sejam repensados por todos os atores que fazem parte do ambiente educacional; em especial, os alunos e professores.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, J. C. *A outra face da escola*. Lisboa: Ministério da Educação, 1994.
- AQUINO, Julio Groppa. *Indisciplina na escola, Alternativas Teóricas e Práticas*. 6.ed. São Paulo: Sammus, 1996.
- BRUNET, L. V. Clima de trabalho e eficácia da escola. In: A. Nova (Coord.). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: D. Quixote, 1992.
- COLLARES, Cecília A, L; MOYSES, M. Aparecida A. *Preconceitos no cotidiano escolar: ensino e medicalização*. São Paulo: Cortez, 1996.
- GAVALDO, Luiza Laforgia. *Desnudando a escola*. São Paulo: Pioneira, 1997.
- MAKARENKO, A. S. *Disciplina In: Conferência sobre Educação Infantil*. São Paulo: Moraes, 1981.
- MONACORDA, M. A. *História da Educação*. São Paulo: Cortes, 1995.
- SACRISTÁN, J. Gimeno; GOMES, A, I. Perez. *Compreender e transformar o ensino*. 4.ed. (Trad. Ermani F. Da Fonseca Rosa). Porto Alegre: Art. Méd., 1998.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. *Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula na escola*. 3.ed. São Paulo: Libertad, 1994.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. *Disciplina: Construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola*. 4.ed. São Paulo: Libertad, 1995.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. *Disciplina na escola: autoridade versus autoritarismo*. D'ANTOLA, Arlette (Org.). São Paulo: EPU, 1989.